EMISSÁRIOS, CULTURA ESCRITA E ORAL: CIRCULAÇÃO NO NORTE DA AMÉRICA PORTUGUESA

EMISSARIES, WRITTEN AND ORAL CULTURE: CIRCULATION IN THE NORTH OF PORTUGUESE AMERICA

EMISARIOS, LA CULTURA ESCRITA Y LA CULTURA ORAL: LA CIRCULACIÓN AL NORTE DE AMÉRICA PORTUGUESA.

Breno Gontijo Andrade[1]

Resumo: O presente artigo apresenta a circulação da cultura escrita e da cultura oral no Norte da América Portuguesa no final do século XVIII e início do XIX. Essa circulação ligava continentes através de notícias, era intensificada nos grandes centros, como o Recife, e alcançava também os homens dos mais longínquos sertões. Aborda também sobre os emissários que percorriam o Norte e acabavam por colaborar para a circulação dessa cultura. Senhores de engenho, padres, comerciantes e índios foram encontrados na documentação como colaboradores dessa circulação. O artigo é baseado em documentos do início do século XIX juntamente com as observações de Henry Koster, viajante inglês que percorreu a região Norte no mesmo período.

Palavras-chaves: cultura escrita; cultura oral; circulação de cartas; correspondências; viajantes.

Abstract: This article presents the circulation of written culture and oral culture in North America by the Portuguese in the late eighteenth century and early nineteenth centuries. This movement linking continents through news, was intensified in major centers such as Recife, and also reached the men of the distant hinterlands. It also discusses about the emissaries who roamed the North and ended up collaborating for the movement of that culture. Planters, priests, traders and Indians were found in the documentation as contributors to this movement. The article is based on documents from the early nineteenth century along with the observations of Henry Koster, a English traveler who toured the northern region in the same period.

Key words: culture writing; oral culture; circulation of letters; mailings; travelers.

Resumen: Este escrito presenta la circulación de la cultura escrita y la cultura oral al Norte de América Portuguesa a finales del siglo XVIII y principios del siglo diecinueve. Este movimiento que une los continentes a través de noticias,

[1] Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: brenohistoria@gmail.com

se intensificó en los grandes centros, como Recife, y también llegó a los hombres de las zonas de influencia distantes. También se discute acerca de los emisarios que vagaban por el norte y terminaron colaborando para el movimiento de esa cultura. Agricultores, sacerdotes, comerciantes y los indios fueron encontrados en la documentación como contribuyentes a este movimiento. El artículo se basa en documentos de principios del siglo XIX, junto con las observaciones de Henry Koster, viajero Inglés que viajó por la región norte en el mismo periodo.

Palabras claves: cultura escrita; la cultura oral; circulación de letras; correspondência; viajeros.

A partir de 1808, com a abertura dos portos da América Portuguesa às nações amigas de Portugal, um observador no porto principal de Pernambuco, que deitasse seu olhar sobre o horizonte, veria que a circulação de navios manobrando entre os arrecifes havia aumentado. Mesmo com o aumento de embarcações a singrar por águas pernambucanas, os desembarques ainda eram aguardados com o mesmo entusiasmo de outrora, pois traziam toda sorte de novidades. Eram as mercadorias a se comprar, os parentes e amigos a chegar, muitas vezes, distantes por longo tempo, as últimas notícias de Napoleão, os insucessos do pequeno Portugal tomado pelos franceses, as revoltas na América Espanhola, o crescimento do comércio da América Inglesa: enfim, os desembarques representavam um contato com o além-mar. Após a compra das mercancias, os afetuosos abraços e ósculos nos entes recém-chegados, o conhecimento das últimas novas, aquele espírito de curiosidade, por fim, satisfazia-se, enquanto outra leva de navios não despontasse trazendo novidades mais recentes. Henry Koster, viajante inglês, ao chegar ao porto de Santo Antônio do Recife, no último mês do ano de 1809, lembrava-se de como o povo apinhado no porto estava ansioso para receber a embarcação de que ele se fazia passageiro:

> Seguindo meu companheiro de viagem, deixamos o navio e fomos para a terra. Lá, uma nova cena se passa. No momento em que desembarcávamos esse fato foi percebido por um grande número de pessoas, de bom aspecto, que cobria com seu volume o cais. **O desejo de saber notícias dos amigos da Europa se tornou tão vivo que, perdendo a cerimônia, todos vieram pedir as cartas porventura destinadas a elas.** Decidimo-nos a entregar-lhes o saco, sobre o qual se precipitaram todos de uma só vez com a mais ávida das curiosidades. Tínhamos desembarcado no cais da Alfândega, em um dia de grande azáfama, e aí também os clamores e a agitação dos negros se faziam notar. A feia algazarra que fazem quando carregam algum fardo (...), **as numerosas perguntas que nos fazia a maior parte daqueles que deparávamos, (...) tudo se combinava para embaraçar-me e perturbar-me.** Arrastado por aqueles que já estavam habituados às cenas desse gênero, fomos ter com um dos principais comerciantes da cidade. Fez-nos

> subir ao primeiro andar, introduziu-nos num quarto onde havia pilhas de mercadorias, uma mesa coberta de papeis e várias cadeiras (grifos meus), (KOSTER, 1942, pp. 32-3).

Como bem percebeu Henry Koster, havia certa avidez das pessoas de bom aspecto pelas cartas, como também pelas boas-novas dos seus ou da Europa, o que se percebia pelas numerosas perguntas que faziam. As cartas eram de extrema importância, por servirem de porta-vozes para aqueles remetentes que não puderam regressar. Nelas, havia uma infinidade de temas: assuntos comerciais, os importantes acontecimentos da Europa, Portugal, América e outras partes do mundo, indicações e conselhos aos parentes, pedidos, curiosidades, admoestações, questões pessoais e até mesmo críticas e opiniões perniciosas a respeito da monarquia portuguesa. As cartas, bem como as notícias que os embarcados levavam, serviam como elos de comunicação que atravessavam o Atlântico, e era por meio delas que se montava uma rede de circulação de informações que, ao chegarem ao porto do Recife, como fogo na pólvora, percorriam rapidamente caminhos improváveis, levando novidades a toda região Norte[2], inclusive ao vasto povo escondido nas grotas do sertão. As correspondências e novidades mais pessoais e mesmo as perniciosas à monarquia portuguesa circulavam de maneira cautelosa, por sua natureza mais íntima e secreta, ficando, certamente, restrita a grupos seletos. Sobre essas notícias pessoais e perniciosas à Casa dos Bragança, há relatos de sua circulação em Pernambuco que remontam alguns anos antes da chegada de Henry Koster, em 1801, quando houve a denúncia de uma conspiração em Pernambuco, conhecida pela historiografia como Conspiração dos Suassuna.

Embora este artigo tenha como recorte espacial o Norte da América Portuguesa, sobretudo o território de Pernambuco, é importante ressaltar que o caminho das correspondências e boas-novas não se dava apenas de Portugal para Pernambuco, mas também de maneira oposta: notícias do norte do país desaguavam na Europa, juntamente com os carregamentos de rapadura, algodão e o que mais se achasse para vender nas praças de Portugal. Essa circulação de cartas e novidades entre América Portuguesa e Portugal mostra-nos que, apesar da distância, os súditos dos dois lados do Atlântico tinham por hábito comunicar-se (e nisto logravam ter êxito), remetendo em cartas notícias casuais ou usando-as para orientar e receber orientações sobre diversos assuntos, dos políticos aos comerciais.

[2] Entendo por *Norte* a área de influência da capitania de Pernambuco no início do século XIX, isto é, a comarca das Alagoas, a Paraíba, o Rio Grande do Norte, o Ceará e todo Pernambuco. Suprimi o termo *Nordeste,* para designar o espaço estudado, porque é um termo criado no século XX. Em nenhum documento, encontrei a menor referência ao sobredito termo designando o território que hoje chamamos de Nordeste. No livro *Vocabulário Pernambucano*, a palavra "nordeste" significa doença que acomete ocasionalmente os galináceos: "dar o nordeste na criação" (COSTA, 1976, p. 551).

Após 1809, Henry Koster escreveu profícuos relatos sobre a circulação de cartas e notícias pelo Norte da América Portuguesa. Ele mesmo serviu como emissário àqueles com quem fizera amizade em Pernambuco e nos sertões do Norte. Talvez o escolhessem para tal função por gozar de alta estima entre os principais da região – governadores, demais autoridades reais superiores, oficiais da monarquia em geral, grandes e pequenos negociantes, senhores de engenhos, rendeiros, membros do alto e baixo clero, estrangeiros etc. – e por ser afeito às viagens por aquela vasta região. Passando pelas proximidades do rio Paraíba, Koster informava que "levava cartas para o proprietário, membro da família Cavalcanti, e Capitão-mor na província da Paraíba. [Fora] por ele recebido de maneira afetuosa" (KOSTER, 1942, p. 97). Continuando sua viagem, chegou a Cunhaú, no Rio Grande do Norte, onde se localizava o engenho do coronel André de Albuquerque Maranhão[3], cujas terras cobriam pouco menos de quarenta léguas. Só se vencia uma de suas porções depois de andar de três a quatro horas. Henry Koster também lhe entregou correspondências oriundas de Pernambuco:

> Trazia-lhe cartas dos seus amigos de Pernambuco. (...) Veio para perto de mim, logo que desmontei, e lhe entreguei as cartas que levava, e ele as pôs à parte para ler com sossego. Fez-me sentar e conversou sobre várias questões, meus planos, intenções, etc (KOSTER, 1942, p. 101).

Ao que tudo indica, houve uma constante troca de correspondências e notícias entre os principais homens do Norte da América Portuguesa, o que evidencia uma complexa rede de relações. Nos exemplos utilizados, as cartas partiram de Pernambuco, provavelmente, Recife, seguindo para outras localidades. As cartas e notícias poderiam servir como meio de encurtar as distâncias, aproximando homens de vilas e lugarejos distantes dos espaços de sociabilidades centrados no Recife, mesmo que seus agentes estivessem separados por léguas de distância. Nos excertos citados, observa-se que o viajante, primeiramente, entregou cartas de Pernambuco a um membro da família dos Cavalcanti, capitão-mor da Paraíba, portanto, ocupante de um posto de destaque e, na mesma viagem, levou correspondências para um dos maiores proprietário de terras do Rio Grande do Norte. Provavelmente, o viajante inglês levasse as cartas por se tratar de um homem confiável, além do mais era estrangeiro e podia contar o que havia sucedido nos últimos meses na Europa. Por isso, após entregar cartas a André de Albuquerque Maranhão, sentou-se e conversou com ele sobre várias questões. Há também uma ocasião anterior, em que Koster visitou o governador de Pernam-

[3] Esse personagem ficará conhecido posteriormente pela historiografia por sua relevante participação na adesão do Rio Grande do Norte à Revolução Pernambucana de 1817. André de Albuquerque Maranhão também foi acusado de frequentar a casa dos Suassuna em 1801.

buco, reportando- lhe sobre diversos assuntos da Europa, além de lhe deixar alguns jornais ingleses (KOSTER, 1942, p. 42). Após a visita a André de Albuquerque Maranhão, o inglês viajou até Natal, onde se encontrou também com o governador do Rio Grande do Norte e lhe entregou algumas cartas dos amigos de Pernambuco (KOSTER, 1942, p. 110).

Em suas andanças, entretanto, o viajante inglês não falou apenas à fina flor das capitanias do Norte, mas também proseou com os homens mais timoratos do sertão, levando vez ou outra cartas a lugares distantes, como também as boas-novas correntes. Koster se recorda que, quando passou pela primeira vez no povoado de Santa Luzia – povoado situado no Ceará nas fronteiras com o Rio Grande do Norte – muito dos moradores da povoação vieram perguntar-[lhe] por notícias de Pernambuco (KOSTER, 1942, p. 153). Em outra ocasião, dizia o inglês que encontrara alguns homens sertanejos que:

> Sentaram-se ao chão junto de minha rede e pediram novidades de Pernambuco, porque não lhes interessavam os assuntos distantes. (...) A conversação acabou pelo oferecimento de cavalos pra minha viagem, e, quando regressaram a casa, um presente de carne assada me foi enviado (KOSTER, 1942, p. 136).

Os relatos atestam que havia certo interesse desses homens do sertão pelo que se passava em Pernambuco, até mais do que de outros lugares, ao contrário do governador da Capitania, por exemplo, que se interessava por notícias da Europa, recebendo até uns jornais ingleses de Koster. Os homens de quem o inglês falava, no trecho supracitado, residiam no interior do Ceará e, curiosos sobre Pernambuco, faziam perguntas ao viajante inglês. Nada mais natural, pois a Capitania era a mais importante do Norte, pelo fato de exercer há largo tempo influência política, econômica e clerical sobre as capitanias da Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Essa influência remontava aos séculos anteriores, quando a exploração e a povoação das regiões vizinhas se deram também por via de Pernambuco, sem esquecer as submissões administrativas dessas capitanias a Pernambuco, tendo algumas delas perdurado até o início do século XIX. Além do mais, o porto de Santo Antônio do Recife era o mais importante do Norte, ancoradouro onde se dava vazão à grande parte das exportações de Pernambuco e capitanias dependentes, que o utilizaram até as primeiras décadas do século XIX. Comparando a Paraíba com Pernambuco, Muniz Tavares (1917, p. CXXV) dizia que aquela Capitania parecia estar condenada à obscuridade, pois suas produções agrícolas e a comodidade de seus portos não a enriqueciam. Era Pernambuco que absorvia o comércio da Paraíba, "os gêneros todos de exportação eram para ali transferidos com enorme despesa a fim de poderem ser vendidos ou trocados por aqueles de que a [Paraíba] necessitava". Na época em que Kos-

ter desembarcou em Pernambuco, o porto do Recife continuava como um dos mais movimentados, ainda que os demais portos já ensaiassem algum tímido comércio.

Pernambuco também contava com o antigo bispado de Olinda, elevado a esta categoria desde 1676, tornando-se, assim, centro do poder eclesiástico na região, exercendo sua jurisdição sobre todas as paróquias do Norte, com ramificação em Minas Gerais. Por volta de 1819, o advogado dos revolucionários de 1817, Antônio Luiz de Brito Aragão e Vasconcelos, escreveu, em sua Defesa Geral, sobre a importância do Recife/Olinda e de Pernambuco:

> Ninguém ignora que a vila do Recife é capital de Pernambuco, assim como o ser a cidade de Olinda a sede do Bispado, o qual compreende todo o espaço de terreno que se estende desde as Alagoas até o Ceará, inclusive os povos de toda aquela extensão têm uma grande correlação com a vila do Recife, que olham como a sua capital apesar de haverem (sic) governos separados como os do Rio Grande, Ceará e Paraíba (...). A vila do Recife é o centro das riquezas e do comércio de todos os povos adidos ao Bispado de Olinda porque estes pela maior parte vivem da criação de seus gados, da cultura do algodão e de algumas plantações, cujos gêneros levam para vender naquele empório de sua negociação e donde eles levam as manufaturas de que se vestem, e lhe são necessárias para outros usos por isso têm dela uma dependência que não pode escusar (DH, vol. CVI, p. 85).

Portanto, havia vínculos históricos, econômicos, religiosos, e políticos, que aproximavam entre si os habitantes do Norte da Colônia, com olhos voltados sempre para Pernambuco e sua capital. Por isso, o anseio dos homens do sertão pelas "novidades de Pernambuco, porque não lhes interessavam os assuntos distantes".

Outro aspecto importante a salientar do episódio em que homens indagavam a Henry Koster sobre notícias de Pernambuco é a cultura oral. Os sertanejos sentaram-se no chão e ajeitaram-se para ouvir o que Koster, sentado na rede, acima da linha dos olhos deles, tinha a dizer. Assim, quem tem notícias a dar e histórias a contar deveria ser destacado, de modo que todos pudessem vê-lo e ouvi-lo. Porém, o assunto de que tratavam não era feito apenas por uma via, como se o inglês estivesse fazendo uma proclamação, enquanto os sertanejos estariam apenas a escutá-la. De fato, havia uma "conversação" entre eles. Talvez os curiosos guiassem o assunto por meio de perguntas, enquanto Koster respondia-lhes e acrescentava outras. Por ser uma sociedade iletrada, deve-se destacar que o único meio de saber sobre as coisas do mundo, ou aprender algo, era através da cultura oral. Os homens sem conhecimento das letras deveriam ser habilidosos no falar para extraírem, ao máximo, as informações dos interlocutores. Entre tais homens

iletrados, um inglês, por exemplo, era uma raridade, um poço de todos os tipos de novidades, que poderia ser bem aproveitado. Já a cultura escrita, por vias diretas, no geral, era acessível a privilegiados, tais como os homens letrados, abastados ou membros da Igreja. Estes, além de estarem acostumados com a cultura oral, realidade da maioria da população iletrada, podiam ainda aprender por meio dos impressos e manuscritos e comunicarem-se por meio das cartas, como vem se demonstrando. Embora o acesso aos impressos e manuscritos estivesse ao alcance de poucos homens, é bem possível que essa cultura escrita se transformasse em cultura oral, alcançando também os homens mais rústicos. O mesmo se dava com a cultura oral que, eventualmente, era absorvida pela cultura escrita. Por fim, ainda sobre o episódio em que os sertanejos foram ouvir Koster, nota-se a gratidão desses homens, que lhe ofereceram cavalos para viagem e enviaram-lhe "um presente de carne assada", um mimo pelas notícias recebidas com tanta generosidade.

Essa circulação de cartas e notícias demonstra a centralidade do Recife/Olinda como localidades difusoras e receptoras das mais variadas informações no Norte da América Portuguesa. Se havia interesse de sertanejos distantes em saber sobre Pernambuco, haveria ainda mais entre aqueles que tinham negócios a tratar no Recife e vilas vizinhas, ou que quisessem saber das últimas modas, ou mesmo que desejassem comprar artigos de luxo, ou contactar as ordens clericais, tão abundantes em Recife/Olinda.

Os emissários do Norte: senhores, padres e índios

Homens que viajavam pelo Norte e que, ao mesmo tempo, eram estrangeiros, como Henry Koster, foram raros. A função de emissário, principalmente para as longas distâncias, ao que tudo indica, era desempenhada por aqueles que tinham por hábito errar pelos sertões e litorais, tais como alguns senhores abastados (mais frequentemente, os seus homens de confiança), que tinham assuntos a tratar em outras regiões; os padres, que perambulavam levando a fé católica aos lugares mais ermos; ou indígenas que viviam entre os luso-brasileiros, mas que não se fixavam em nenhuma paragem. Havia também outros grupos que circulavam pelo Norte, tais como: comboieiros, tropeiros, almocreves, sertanejos, funcionários reais, criminosos etc. No entanto, ao longo do texto, tratarei apenas daquelas categorias cujas informações aparecem com maior abundância na documentação utilizada. No que diz respeito aos homens abastados que viajavam pelo Norte, Koster relata sobre a vez que, após seu regresso ao Jaguaribe:

> fui surpreendido pela chegada de um homem branco, fardado de azul e encarnado, seguido por um grande número de animais carregados e de pessoas vestidas de couro, como usam os sertanejos. **Entregou-me uma carta**, que verifiquei não ser para mim e

> sim para outro inglês que estava comigo (...) [O homem branco, fardado de azul,] era um comandante do interior, distante 130 léguas, morando nas fazendas da província da Paraíba (...) Colocara, a bordo das jangadas na Paraíba, um grande carregamento de algodão, colhido nas suas propriedades, e ia viajando para o Recife a fim de vender e adquirir objetos de luxo para sua família (KOSTER, 1942, p. 313).

O relato do viajante inglês revela que havia circulação pelo Norte desses homens abastados, bem como de seus representantes. Ainda que gozassem de prestígio e riqueza, ao que parece, alguns não se importavam em desempenhar a função de emissários. Tanto que o comandante do interior, homem branco, fardado de azul, entregou uma carta ao inglês, que residia 130 léguas de distância de sua fazenda. Atente-se que o homem de azul preferiu vender o seu algodão no Recife, centro econômico, político, cultural do Norte, como já foi salientado, do que na chamada Cidade da Paraíba. Além disso, quis comprar artigos de luxo para a sua família, que, certamente, poderiam ser encontrados com preços melhores ou com maior variedade no Recife. Outra observação: os caminhos que as cartas e as notícias percorriam não só partiam dos grandes núcleos populacionais para os pequenos, mas também ocorria o inverso, tal como fez o comandante do interior da Paraíba, ao entregar a carta ao inglês no Recife.

Por perambularem pelo sertão para tratar de seus negócios, não era raro que alguns remetentes pedissem a esses viajantes esporádicos a mercê de levar consigo algumas cartas para as regiões mais distantes por onde passariam. Servir como emissário também não era de todo mal para esses senhores abastados. Primeiramente, porque o remetente ficava na "obrigação" de retribuir um favor ao emissário e, em segundo lugar, porque o destinatário, dependendo de quem fosse, poderia oferecer abrigo ou provisões no momento do descanso da viagem, como forma de agradecimento ao senhor que trouxera cartas.

As andanças dos padres pelo sertão também foram frequentes. Os sacerdotes percorriam léguas interior adentro com o intuito de levar a fé católica aos fiéis dispersos nos interiores distantes. O viajante inglês lembra-se da ocasião em que "um padre, viajando [pelo sertão] foi solicitado pela mulher de um fazendeiro para batizar seu filho [e que] acedendo, o padre esperou algum tempo e desejando continuar sua jornada, pediu que lhe trouxessem logo a criança" (KOSTER, 1942, p. 134). Eis que, depois, surgiu um rapaz de 13 a 14 anos para ser batizado, o que deixou o padre atônito. Talvez o rapaz não tenha sido batizado antes por estar muito distante de alguma igreja, do que se deduz que esses clérigos viandantes respondiam a necessidades presentes nessas regiões remotas, ainda que eles demorassem tantos anos para passar. Dessa forma, os padres viajantes eram mais que necessários para manter o vínculo dos sertanejos com a religião católica.

Sobre a imagem dos padres como homens de grande sabedoria e cultura, há diversas alusões nas notas escritas pelo francês Louis François de Tollenare, francês que chegou a Pernambuco para tratar de negócios em 1816. Ao contrário de Henry Koster, que conheceu todo o Norte da América Portuguesa a partir de 1809, o francês viajou apenas a pequenas distâncias do Recife, restringindo-se a uma limitada faixa litorânea. Se o relato de Koster é rico em detalhes ao descrever os costumes do Norte, o de Tollenare o é ao tratar sobre o Recife entre 1816-17. Em suas visitas, o negociante francês encontrou um clero tão instruído, que se sentiu menos habilidoso que os sacerdotes para tratar de alguns temas (TOLLENARE, 1978, p. 26). Segundo o viajante francês, até mesmo os frades mendicantes eram bastante instruídos. Portanto, o corpo eclesiástico não era só imprescindível para manter a fé dos sertanejos, mas também para levar-lhes alguma instrução, além, é claro, de reportar a esses fiéis os últimos acontecimentos.

Henry Koster, por sua vez, comenta que, "nessas regiões onde as moradas são tão afastadas umas das outras", havia o hábito curioso de certos padres, munidos de uma licença do Bispo de Pernambuco, viajarem com "um altar portátil, construído para esse fim, conduzido por um cavalo, assim como todos os objetos para as missas". O cavalo era dirigido por um rapaz que ajudava o padre nas missas, enquanto o outro animal trazia o sacerdote com sua bagagem. Esses padres, por transitarem por longas distâncias, no decorrer de um ano, auferiam renda considerável. "Eles param, erguem o altar onde existe um certo número de pessoas que podem pagar para ouvir missa" (KOSTER, 1942, p. 131). Henry Koster atenta-se para a importância dessa tradição, concluindo que, se não existisse:

> todo culto seria impossível para os habitantes de muitos distritos (...) nessas paragens em que não há lei nem religião real e racional. (...) É o liame que prende todo esse povo e o sustenta, no fio das ideias recebidas, junto às populações maiores de outros distritos (grifos meus),(KOSTER, 1942, p. 132).

Koster entende que os padres que transitavam com seus altares portáteis eram imprescindíveis para o povo sertanejo, primeiramente, por levarem o culto aos lugares mais distantes e, em segundo lugar, por serem depositários e emissários não só das palavras de Deus, mas também de ideias e novidades de outros "distritos". A relevância dos padres viajantes era tão nítida que Koster via neles a única ligação que unia o povo do sertão distante aos "distritos". Os sacerdotes eram um dos poucos contatos com o mundo exterior que muitos habitantes das distas poeiras do sertão podiam ter. É o que também percebia o padre Inácio da Silva, ao escrever sobre a atuação da Congregação do Oratório em Pernambuco:

> Em diversos tempos do ano se revezam outros padres em missões deambulatórias, pregando pelas freguesias e lugares mais povoados, **aonde raras vezes chegam a ouvir quem desta maneira os desengane de seus erros e os encaminhe para o céu**; e não fazem a sua derrota os seus missionários tanto pelo perto, que já por muitas vezes não chegassem a caminhar duzentas léguas nesta empresa do serviço de Deus, pregando, confessando e ensinando a doutrina aos povos, de que resultam admiráveis conversões, casos prodigiosos, que não pertencem à brevidade desta relação (RIAHGP, vol. LVII, 1984, p. 58).

Nessas incursões que faziam pelo sertão, os padres viajantes também agiam como portadores de cartas e até como mensageiros de novidades, que circulavam por aglomerados maiores, como o Recife, Olinda, Paraíba, Natal e outras vilas. Quando o viajante inglês foi acometido de febre em Sant'Ana – povoado situado nos limites do Ceará e Rio Grande do Norte –ele disse que,

> desejava vivamente chegar ao Assú, querendo adiantar a viagem e ao mesmo tempo **com a esperança de encontrar um padre que quisesse encarregar-se de algumas cartas** que tencionava enviar aos meus amigos (grifos meus). KOSTER, 1942, p. 193).

A menção aos padres como mensageiros não é aleatória. O que Koster desejava era fazer uso de uma prática comum à região, isto é, valer-se dos padres que viajavam para levar algumas cartas aos seus em Pernambuco. Pode-se perceber também que os padres viajavam pelo sertão, mas voltavam para as cidades maiores (no excerto citado, Recife/Olinda), perambulando entre as diversas regiões.

Além dos senhores abastados e padres, os índios também desempenhavam o papel de emissários de cartas e talvez fossem até preferidos para desempenhar esta função para as longas distâncias. Dizia o viajante que a predileção pelos índios era pela sua facilidade inexplicável de encontrar qualquer caminho e chegar ao lugar certo, mesmo sem marcas e sem estradas, além da velocidade que avançavam até chegar ao seu destino:

> Os mensageiros, de uma para outra província, são, em maioria, indígenas, e pelo hábito que os faz resistir às grandes fadigas, são capazes de andar, dia após dia, quase um mês, com pequenos repousos. **Tenho-os encontrado, com sua sacola de pele de cabra ao ombro**, pisando com passo rítmico, nada os detendo do que poderia embaraçar o caminho. Mesmo que um cavalo possa adiantar-se sobre esses homens nos primeiros dias, se a viagem for prolongada, o indígena, no fim, chegará primeiro. Quando um criminoso ilude as diligências dos oficiais da Polícia, os indígenas são enviados em sua perseguição como último recurso (grifos meus), (KOSTER, 1942, p. 172).

Certamente, o costume de não se fixar em uma região contribuía para que alguns índios do Norte conhecessem os caminhos invisíveis que interligavam os inúmeros lugarejos. Henry Koster percebe também que a predileção por esses Hermes do sertão dava-se pela sua rapidez no deslocamento, chegando antes que os cavalos, ao longo de vasto território, pois eram mensageiros "de uma para outra província". Porém, não só o conhecimento dos caminhos e a rapidez no deslocamento pelo território tornavam os indígenas os mensageiros preferidos. É bem provável que, pela maioria dos índios desconhecer a leitura, a possibilidade de violação das mensagens era infinitamente menor, se os compararmos aos mensageiros que tinham mais possibilidades de saber ler, como os senhores abastados e os padres. Se se quisesse enviar uma carta com assuntos reservados, a algum lugar longe e com certa urgência, o ideal seria pagar aos indígenas para que o fizessem.

O viajante Koster parece ter enviado cartas tendo por emissários os indígenas. Quando estava nas proximidades de Cunhaú, com destino a Pernambuco, relata Koster que "dois mensageiros passaram por esse recanto [Cunhaú] durante a tarde e **escrevi a um amigo de Pernambuco** para que tivesse a minha cabana de Cruz das Almas preparada para meu regresso" (grifos meus), (KOSTER, 1942, p. 217). A carta parece ter alcançado o destino, pois lembra-se o viajante que: "pela manhã adiante fui a cavalo para o Recife, onde os amigos me recepcionaram como a um homem desaparecido e mesmo o amigo particular **a quem escrevera** disse que não esperava ver-me" (grifo meu), (KOSTER, 1942, p. 222).

Supostamente, ao contrário dos senhores abastados que viajavam com o objetivo maior de tratar de seus negócios e os padres, que se deslocavam para levar a fé aos distantes, eram os índios que faziam do papel de emissários, um ofício (letter-carriers), ainda que esporádico. O próprio Henry Koster, como foi citado há pouco, encontrou-se com alguns deles, que traziam "sua sacola de pele de cabra no ombro". Ele também aproveitou para enviar algumas cartas quando soube da passagem de dois mensageiros em Cunhaú. Em contrapartida, os índios, por não se ocuparem tanto dos assuntos das cidades e pela diferença de seus costumes, talvez fossem escolhidos apenas como emissários de cartas (escritas) ou de recados curtos falados. Provavelmente, eram menos procurados para narrar as notícias de Pernambuco em seus pormenores, do que os senhores abastados e padres. Estes últimos, aos olhos do povo do sertão, poderiam conferir mais legitimidade e veracidade a estas notícias, pelos lugares destacados que ocupavam na sociedade.

Não só circulavam cartas particulares, mas havia também aquelas empregadas no exercício da governança, comunicando as vilas menores com as capitais das capitanias e estas, com o Rio de Janeiro, capital da América Portuguesa, sede da Corte Portuguesa desde 1808. Henry Koster, em

suas andanças pelo Norte, também serviu de emissário de correspondências oficiais. Quando se preparava para voltar de Fortaleza, no Ceará, para Pernambuco, recebeu do Sr. Marcos Antônio Brício, chefe da Tesouraria e do Departamento Naval e portador de vários outros títulos, a incumbência de levar correspondência oficial a Pernambuco:

> Esse cavalheiro [o Sr. Marcos Antônio Brício] me dera o saco de seda carmesim, **contendo a correspondência oficial dirigida ao Príncipe regente de Portugal e Brasil**, e pediu-me fazê-lo chegar às mãos do chefe do correio em Pernambuco. Obtinha, com esse encargo, o direito de requisitar os cavalos de vários comandantes durante o caminho. **Era mais conveniente e de maior segurança encarregar-me dessa missão que fazer por um homem a pé, como era a maneira habitual do envia**. A pessoa a quem se entrega esse emprego é de toda confiança mas lhe pode suceder, algumas vezes, acidentes (grifos meus),(KOSTER, 1942, p. 179).

Por serem correspondências para o Príncipe Regente, essas missivas deveriam seguir uma rota mais ou menos oficial, que ligava capitais a capitais, até chegar ao Rio de Janeiro. Eram enviadas pelos componentes dos quadros da administração portuguesa, que passavam o saco de seda carmesim para um mensageiro, que deveria entregá-lo a outrem, que tivesse também vínculos com a administração portuguesa. Conforme o supracitado do documento, a rota em questão partia de Fortaleza com destino ao Recife, tendo por remetente um funcionário da Coroa portuguesa, Marcos Antônio Brício, e por destinatário o chefe do correio em Pernambuco. Chegando ao Recife, as correspondências deveriam ser enviadas para o soberano, no Rio de Janeiro. Era desejável que o mensageiro fosse alguém que conferisse caráter oficial na entrega das correspondências do rei, que tivesse alguma autoridade, talvez algum senhor de engenho, com distinção militar, que tivesse por hábito viajar por aqueles rincões ou algum conhecido do remetente que fosse de sua confiança, como foi o caso de Henry Koster. Denis Antônio de Mendonça Bernardes (2006, p. 85) diz que o correio era um privilégio da administração pública, "ou realizado por meio do especial obséquio de viajantes conhecidos ou de almocreves, comboieiros e tropeiros que se dispõem a levar a encomenda e correspondência de graça ou mediante alguma paga". Embora fosse desejável que os mensageiros das correspondências oficiais fossem esses homens, mais ou menos distintos ou de confiança, a maneira comum ainda era fazer uso dos homens a pé, através dos índios, "como era a maneira habitual do envia (sic)". O trabalho de entrega de missivas pelos índios era tão comum, que eles também eram conhecidos como "índios correios" (COSTA, 2012, p. 160).

O saco de seda carmesim também trazia consigo toda uma simbologia, que era inteligível para os homens da época. Significava que o seu portador adquiria, provisoriamente, o cargo de mensageiro real e, por conseguinte, tendo o poder de solicitar o empréstimo de cavalos por onde passasse. Os cavalos não estariam a serviço daquele homem que trazia correspondências, mas, simbolicamente, para o uso pessoal do próprio rei. Ao passar pelo povoado de Santa Luzia, o guia de Koster alertava-o que a casa em que estavam alojados era cercada pelo povo, por causa de um desentendimento passado que haviam tido com o inglês. O viajante, então, relata que pediu sua maleta e, calmamente, de lá tirou o saco vermelho com as correspondências reais, colocando-o sobre um cepo de madeira, e ficou como se estivesse procurando algo mais dentro da maleta:

> Quando olhei em torno, depois de alguns minutos, toda a gente que se reunira desaparecera, tal fora a importância do saco vermelho, dando como era sabido o poder de requisitar animais, e outra ideia da minha situação surgira com a presença mágica dessa bolsa (KOSTER, 1942, p. 192).

O poder de requisitar animais, conferido pela posse da bolsa de seda carmesim, parece ter sido conflituoso na região Norte do país. Em nota à obra de Henry Koster, Luiz da Câmara Cascudo (1942, p. 186) diz que a requisição de animais para serviços públicos era uma ordem mal recebida, pois facilitava a ocorrência de abusos por parte dos requerentes. Talvez, de fato, houvesse a preferência de enviar mensageiros de confiança e distinção como Henry Koster, porque eles conferiam credibilidade ao solicitar o uso dos animais. Provavelmente, os "comandantes durante o caminho" tivessem dificuldades em emprestar suas montarias aos mensageiros, caso eles fossem indígenas ou homens de baixa estirpe. Do mesmo modo, a solicitação do animal por aqueles que serviam ao rei como mensageiros era legítima, mas causava abusos por parte dos requerentes, o que indignava os proprietários. No tocante à rapidez da entrega das correspondências, ainda que Henry Koster atribuísse grande velocidade aos índios, chegando antes que os cavalos, a utilização de diversos cavalos, requisitados em cada paragem pelo poder da bolsa carmesim, permitia um transporte de cartas ainda mais ligeiro. Tanto que era o modo oficial adotado pelas autoridades reais para enviar suas correspondências.

Ainda com relação à primeira citação do saco vermelho de correspondências, Henry Koster atentou-se para o fato de que a entrega de correspondência nem sempre era perfeita, podendo haver acidentes. Os acidentes a que o viajante inglês faz menção são aqueles que se relacionam ao período de estiagem, que deixavam não só os caminhos desertos, mas também vários distritos (KOSTER, 1942, p. 179). Para Koster, não era raro ocorrer esses

acidentes, pois o Norte do país frequentemente vinha experimentando duras secas, como as de 1791, 1792, 1793, e 1810. Nos demais anos, houvera períodos de estiagem menos nocivos, embora sempre perigosos, como os que Henry Koster enfrentou em suas perambulações pelo sertão, correndo risco de morte. Era a seca a maior adversidade que os emissários viajantes poderiam enfrentar, fazendo-os evitar os períodos de estiagem, tal como não fez Koster em suas primeiras idas ao sertão, quando seus guias quase desertaram. Quanto aos assaltos e roubos nas estradas, ainda que tenham existido, não são mencionados pela pena do inglês. É provável que fossem mais comuns entre as cidades litorâneas do que no sertão inóspito e regularmente tórrido.

Em suma, por se desenvolver um trânsito constante de pessoas pelo Norte da América Portuguesa, havia uma silenciosa, mas abundante circulação de cartas (manuscritas) e novas (mensagens orais) entre os habitantes do Norte. Os emissários eram provenientes do grupo dos senhores abastados, ou padres, ou índios, embora não se descartem outros tipos de mensageiros. As incursões feitas pelos senhores abastados e clérigos tinham objetivos maiores, como o trato de negócios ou a disseminação da fé, sendo que, nesses casos, a entrega de cartas e a narração de notícias ficavam em plano secundário. Desse modo, esses dois tipos de emissários agiam em favor, como gentileza, dos remetentes e destinatários. O mesmo não pode ser observado no caso dos emissários indígenas. Nos exemplos utilizados, os índios entregavam as cartas mediante pagamento. Se comparados com os integrantes dos dois primeiros grupos de emissários, teoricamente, os índios seriam preferidos para entregar cartas particulares, pois conseguiam cobrir mais rapidamente grandes distâncias, além de boa parte deles não saber ler, o que diminuía as chances de violação da mensagem. No entanto, talvez não fossem os prediletos para falar sobre os últimos acontecimentos, se comparados aos demais tipos de viajantes citados, que tinham mais credibilidade que aqueles. Havia ainda as correspondências oficiais que, preferencialmente, eram entregues aos senhores abastados, homens de confiança ou padres, pois eles tinham mais credibilidade ao requisitar montaria aos súditos do rei, ainda que a utilização dos índios, dos homens a pé, fosse a mais comum. No caso das correspondências oficiais, podiam chegar mais rapidamente do que aquelas entregues pelos índios – ainda que Koster testemunhe o contrário –, pois, em tese, o requerente poderia solicitar várias montarias ao longo de sua trajetória. No entanto, quando não se usavam tantas montarias, quando as missivas eram trocadas entre particulares, os índios poderiam ser mais rápidos.

Além de revelar o modo como acontecia a circulação da cultura escrita e da cultura oral, as perambulações dos envias, aqui explicitadas, demonstram as ligações entre as diversas regiões que compunham o Norte da América Portuguesa. Foram citados exemplos de envio de mensagens da

Paraíba, do Rio Grande do Norte e do Ceará, com destino a Pernambuco. Também a Coroa portuguesa vinha se esforçando na melhoria dos serviços postais no primeiro quartel do século XIX. João Paulo Peixoto Costa (2012, pp. 163-64) encontrou documentos relativos aos serviços postais do Ceará, demonstrando onde seriam os postos de entregas e recebimentos das cartas, bem como a regularidade que as correspondências seriam despachadas, quem faria as entrega e quanto seria o valor desses serviços. Ao contrário do que se pode pensar, não era impossível que as boas-novas se espalhassem rapidamente por todo o Norte e fossem conhecidas tanto por homens que sabiam ler quanto por aqueles que só podiam escutar, seja no litoral ou no sertão, dadas essas ligações oficiais, mas também subterrâneas, corporificadas pelo ato dos estafetas de levar e trazer mensagens. Deve ser ressaltado que o domínio sobre a leitura e a escrita, habilidades restritas a poucos, ampliava os meios de se saber sobre determinado assunto.

Ainda sobre a circulação dessa cultura escrita, embora as fontes mencionem apenas as cartas e notícias, é concebível que também houvesse a circulação de outros impressos. Estudos da professora Vera Lúcia Amaral Ferlini (2009, pp. 471-494) apontam para a circulação em Pernambuco de gazetas manuscritas, entre outubro de 1790 e maio de 1791. Essas gazetas revelavam a vida administrativa da Capitania, tecendo críticas viperinas ao governador D. Thomaz José de Mello e a seus apadrinhados. No entanto, o mote principal da gazeta eram as pesadas tributações que insidiam sobre os súditos de Pernambuco. Ora, se havia circulação de gazetas manuscritas que, por sua vez eram copiadas e repassadas, por que não haveria também a circulação de impressos? Um livro a ser emprestado a um amigo distante, algum livrinho santo encomendado por um fiel na última passagem de um padre, um alvará publicado pelo governo real, que deveria ser de conhecimento de todos os súditos. Das fontes utilizadas até aqui, há apenas a menção às Gazetas, com que Henry Koster presenteou o governador Caetano Pinto, interessado em assuntos europeus (KOSTER, 1942, p. 42). No entanto, o silêncio das fontes sobre esse tema deve ser questionado: será que, de fato, houve ausência de circulação de outros impressos pelo Norte, ou tal como acontecia com o material escrito e as novidades, havia também uma considerável propagação?

Referências:

BERNARDES, Denis Antônio de Mendonça. **O patriotismo constitucional***:* Pernambuco 1820-1822. São Paulo: Hucitec, 2006.

CASCUDO, Luiz da Camara. Notas a obra de Henry Koster. In: KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil**. Tradução e Notas de Luiz da Camara Cascudo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. **Vocabulário Pernambucano**. 2 ed. coleção Pernambucana, Recife: Governo do Estado de Pernambuco, 1976.

COSTA, João Paulo Peixoto. **Disciplina e Invenção***:* civilização e cotidiano indígena no Ceará (1812-1820). Teresina: Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI, 2012 (Dissertação de Mestrado).

DH – Documentos Históricos – A Revolução de 1817. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1953-1955. 10 vol.

FERLINI, Vera Lúcia Amaral. A Gazeta de Pernambuco: algumas questões sobre a circulação de notícias no fim do século XVIII. In: ALGRANTI, Leila Mezan & MEGIANI, Ana Paula Torres. (Org.). **O Império por Escrito – Formas de Transmissão da Cultura Letrada no Mundo Ibérico (século XVI-XIX)**. São Paulo: Alameda, 2009, pp. 471-94.

IAHGP – Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. Notícia que dão os Padres da Congregação de Pernambuco acerca da sua Congregação, desde a sua criação. Revista do IAHGP, Recife: volume LVII, 1984.

KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil**. Tradução e Notas de Luiz da Camara Cascudo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

TAVARES, Francisco Muniz. **História da Revolução Pernambucana de 1817**. Ed. revista e anotada por Oliveira Lima. 2 ed. Recife: Imprensa Industrial, 1917.

TOLLENARE, L. F. **Notas Dominicais**. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1978.

Artigo recebido em 31-05-2014, revisado em 03-10-2014 e aceito para publicação em 20-10-2014.